

PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA: A SEQUÊNCIA DIDÁTICA NO TRABALHO COM O GÊNERO TEXTUAL HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

Bruna de Melo Gardim Andrade¹; Rosilene Frederico Rocha Bombini²

¹Especialização em Língua Portuguesa e Literatura - Universidade do Sagrado Coração (USC)
Bauru/SP – bmgardim@gmail.com; ²Centro de Ciências Humanas – Universidade do Sagrado Coração (USC)
Bauru/SP – Grupo de Pesquisa Ensino de Língua e Literatura, rosilene.bombini@usc.br

RESUMO

A teoria dos gêneros do discurso tem sido assunto de muitas discussões e pesquisas. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de Língua Portuguesa estão fundamentados basicamente na teoria dos gêneros textuais e orientam que o trabalho com a língua materna desenvolva o conhecimento necessário para que os participantes envolvidos nos processos de ensino e aprendizagem saibam adaptar suas atividades linguísticas às situações sociais comunicativas. Por isso o presente artigo propõe explorar os gêneros textuais, tendo como objeto de estudo as histórias em quadrinhos (HQs), nas aulas de Língua Portuguesa, a fim de mostrar como as HQs podem contribuir para o desenvolvimento de competências em práticas de leitura, compreensão e escrita. Nesse sentido, o referido trabalho foi desenvolvido por meio de pesquisa bibliográfica e apresenta uma proposta de sequência didática orientada por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2011) como estratégia pedagógica para auxiliar o trabalho com o gênero em sala de aula, a fim contribuir para despertar o interesse dos estudantes pela leitura e, conseqüentemente, a compreensão e produção de textos.

Palavras-chave: Gêneros textuais. Histórias em quadrinhos. Sequência didática.

INTRODUÇÃO

Além da decifração de sinais e signos linguísticos, a leitura é uma experiência cotidiana e pessoal representativa para cada pessoa, quer dizer, cada indivíduo coloca sentidos ao objeto lido de acordo com seu conhecimento prévio adquirido, seu repertório, ou seja, o leitor é o sujeito ativo no processo de construção do próprio conhecimento. Por meio da leitura o indivíduo será capaz de interagir melhor com o meio e viver em sociedade.

Com o intuito de contribuir para a formação de leitores competentes, acredita-se que a utilização dos gêneros textuais pode ser um eficiente trabalho em sala de aula. Os próprios Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (BRASIL, 1998) sugerem que os gêneros textuais estejam presentes no processo de ensino e aprendizagem, pois se espera que o aluno amplie o domínio do discurso nas diversas situações comunicativas. Para despertar o hábito da leitura, a escola precisa ensinar o aluno a explorar o texto e dominar uma variedade de gêneros textuais, pois esse leitor iniciante ainda não possui habilidade linguística suficiente.

Para isso, espera-se que o professor, além da leitura prévia dos textos oferecidos ao aluno, ofereça diferentes gêneros textuais como forma de estímulo ao jovem leitor.

De acordo com Bakhtin (1997), os gêneros textuais podem ser considerados a materialização das várias práticas sociais vivenciadas na sociedade. Em resumo, os gêneros são a realização da linguagem oral ou escrita. Trabalhar com estes em sala de aula pode possibilitar ao estudante ser inserido efetivamente no mundo da escrita, ampliando suas possibilidades de participação social no exercício da cidadania.

Neste trabalho, busca-se expor o gênero textual histórias em quadrinhos incorporado ao ensino de Língua Portuguesa e mostrar como este pode contribuir para o desenvolvimento de capacidades em práticas de leitura e compreensão e escrita, tão essenciais para a vida em uma sociedade. Dessa forma, possibilita ao aluno uma interpretação e visão crítica do mundo e, com a mediação do professor, ter a possibilidade de criar suas próprias histórias desenvolvendo suas habilidades.

A LEITURA NA ESCOLA

Resultados divulgados pela 4ª edição da Pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil” (FAILLA, 2016) apontam que 27% dos brasileiros que concluíram o Ensino Fundamental são considerados analfabetos funcionais – incapazes de compreender textos simples – 23% dominam a leitura (letramento) e apenas 8% a compreensão plena do que leem (com capacidade de análise e crítica).

Claramente há a necessidade urgente da elaboração de estratégias a fim de modificar a realidade e alterar os dados negativos quanto a este aspecto. Souza e Giroto (2010, p.4) apontam que a ação docente é primordial para o incentivo à leitura, justificando que “quando os alunos têm uma interlocução, quando há um trabalho de discussão que os leva a compreender o que leram, e quando o livro é ofertado – os estudantes materializam a leitura, leem”.

De acordo com Martins (2004) a leitura é uma experiência única para cada indivíduo, podendo ser caracterizada como a decodificação de signos linguísticos, pelo qual o leitor decifra os sinais, do mesmo modo em que o leitor dá sentido a esses sinais, isto é, uma compreensão mais abrangente do que foi lido. A autora afirma ainda que a leitura sucede a partir de um diálogo entre o leitor e o objeto lido, objeto esse que pode se referir tanto a algo escrito quanto a outros tipos de expressões do cotidiano humano. Martins (2004, p.30) prossegue definindo a leitura como sendo “um processo de compreensão de expressões formais e simbólicas, não importando por meio de que linguagem”.

Buscando compreender a importância do ato de ler, Freire (1989) aponta que esta ação não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo, destacando que:

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. (FREIRE, 1989, p.11)

O ato de aprender a ler o mundo e os significados presentes nele e dar sentido aos mesmos, aprende-se individualmente, por meio das experiências que realiza desde muito cedo. Martins (2004, p. 34) afirma que, “aprender a ler significa também aprender a ler o mundo, dar sentido a ele e a nós próprios, o que, mal ou bem, fazemos mesmo sem ser

ensinados”. A leitura de textos se faz presente nas necessidades do dia a dia, tornando-se praticamente um pré-requisito para a vida em sociedade, essencial para a interação com o meio.

Para que se forme um leitor, a ação docente é essencial. Silva (2008, p. 22) aponta que “sem professores que leiam, que gostem de livros, que sintam prazer na leitura, muito dificilmente modificaremos a paisagem atual da leitura da escola”, isso porque um professor que não ama aquilo que ensina não conseguirá cativar, no caso, não convencerá seu aluno de que ler pode ser bom e não contribuirá para que o cenário mude. Para incentivar a leitura e compreensão de textos é necessário que o aluno goste do que vai ler, por isso, o docente pode optar pela utilização de gêneros textuais pelos quais os estudantes demonstrem interesse. A escolha do gênero textual poderá influenciar no desenvolvimento de atividades com leitura em sala de aula.

OS GÊNEROS TEXTUAIS E A LEITURA

Muito se discute hoje quanto aos gêneros textuais e sua aplicabilidade na educação e importância no ensino da Língua Portuguesa. Pesquisadores entram em consenso quando defendem que o ensino de língua deve pautar-se pela diversidade de gêneros textuais, e falar em diversidade de textos remete ao conceito proposto por Bakhtin (1997). Segundo ele:

Todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua. [...] A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana.

O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua — recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais —, mas também, e sobretudo, por sua construção composicional. Estes três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissolivelmente no todo do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação. Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso. (BAKHTIN, 1997, p. 280)

Os gêneros textuais, segundo Marcuschi (2003), não se caracterizam como formas estruturais estáticas e definidas, mas observa-se que:

Eles são eventos linguísticos, mas não se definem por características linguísticas: caracterizam-se, como já dissemos, enquanto atividades sócio-discursivas. Sendo os gêneros fenômenos sócio-históricos e culturalmente sensíveis, não há como fazer uma lista fechada de todos os gêneros. (MARCUSCHI, 2003, p.10)

O autor defende que “quando dominamos um gênero textual, não dominamos uma forma linguística e sim uma forma de realizar linguisticamente objetivos específicos em situações sociais particulares”. (MARCUSCHI, 2003, p.10)

Em síntese, pode-se afirmar que os gêneros textuais estão vinculados à cultura e história, e surgem em função da comunicação humana, bem como se modificam e ampliam-se de acordo com a necessidade e intencionalidade de cada ação comunicativa. Facilmente pode-

se identificar que, com o aparecimento de novas tecnologias, houve uma expansão dos gêneros textuais, haja vista as redes sociais e aplicativos de mensagens instantâneas como Whatsapp.

Para Bakhtin (1997) é importante ainda que se classifiquem os gêneros como primários e secundários, sendo que os gêneros textuais secundários são aqueles de contextos mais complexos que aparecem em situações de uma comunicação mais evoluída, como dramas, trabalhos científicos, entre outros, transmutando e absorvendo, em seu processo de formação, os gêneros primários. Os gêneros primários, por sua vez, são considerados mais simples, como situações de comunicação do cotidiano, por exemplo, carta, relato etc.

Já que todos os textos estão interligados sempre em um ou outro gênero textual, faz-se necessária a busca por um maior conhecimento do funcionamento dos gêneros, seja para produção ou para compreensão. Dessa maneira, os PCNs sugerem que o trabalho com textos em sala de aula seja, sim, centrado na teoria dos gêneros, orais ou escritos.

A respeito dos gêneros do discurso e sua aplicabilidade no ensino de línguas, os PCNs de Língua Portuguesa apresentam a seguinte orientação:

[...] sob o título “Gêneros discursivos”, em coerência com o princípio didático que prevê a organização das situações de aprendizagem a partir da diversidade textual, estão especificados gêneros adequados para o trabalho com a linguagem oral e com a linguagem escrita. Embora não se tenha, neste documento, estabelecido exatamente quais gêneros seriam adequados para o trabalho específico com a leitura e com a produção de textos, isso não significa que devam ser utilizados indiscriminadamente. Alguns textos — como os de enciclopédia, revistos para o primeiro ciclo, ou os normativos, previstos para o segundo — são mais adequados em situações de leitura feita pelo professor. Outros podem integrar atividades tanto de leitura como de escrita: é o caso de cartas, parlendas, anúncios, contos, fábulas, entre outros. No entanto, o critério de seleção de quais textos podem ser abordados em quais situações didáticas cabe, em última instância, ao professor. (BRASIL, 1998, p.71).

Bem se vê que os PCNs de Língua Portuguesa estão fundamentados basicamente na teoria dos gêneros textuais, orientando que o trabalho com a língua materna, no que diz respeito ao ensino de recursos expressivos da linguagem, seja oral, seja escrita, desenvolva o conhecimento necessário para que os participantes envolvidos nos processos de ensino e aprendizagem saibam adaptar suas atividades linguísticas às situações sociais comunicativas de que já participam e/ou para participar de outras. Assim, o trabalho com a Língua Portuguesa deve ter como objetivo a expansão das várias possibilidades do uso da linguagem, independente de sua forma de realização.

Enfatizando os trabalhos com a leitura e escrita, a diversificação dos gêneros é de suma importância, e para que haja a efetivação da leitura na escola, os Parâmetros Curriculares Nacionais mostram as diretrizes que orientam essa abordagem:

Portanto, é preciso priorizar os gêneros que merecerão abordagem mais aprofundada. Sem negar a importância dos textos que respondem a exigências das situações privadas de interlocução, em função dos compromissos de assegurar ao aluno o exercício pleno da cidadania, é preciso que as situações escolares de ensino de Língua Portuguesa priorizem os textos que caracterizem os usos públicos da linguagem. Os textos a serem selecionados são aqueles que, por suas características e usos, podem favorecer a reflexão crítica, o exercício de formas de pensamento mais elaboradas e abstratas, bem como a fruição estética dos usos artísticos da

linguagem, ou seja, os mais vitais para a plena participação numa sociedade letrada. (BRASIL, 1998, p. 24).

Tendo em vista os argumentos apresentados até o momento nesta pesquisa, e considerando a crescente mudança na sociedade e, conseqüentemente o aparecimento de variados gêneros, torna-se imprescindível formar leitores cada vez mais capazes de dominar essa diversidade de gêneros discursivos, especialmente, formar leitores competentes para lerem textos que articulam o verbal ao não verbal. Por conseguinte, neste trabalho, as Histórias em Quadrinhos (HQs) são apresentadas como uma eficiente escolha de gênero textual para ser trabalhada em sala de aula, pois concebem e apoderam-se de vários outros gêneros.

O GÊNERO HQ

As histórias em quadrinhos formam uma das mais ricas produções textuais, seja por sua forma de expressar inúmeras temáticas diferentes - desde um conteúdo complexo sobre história até uma narrativa de crianças brigando por um coelhinho azul – ou por sua composição de linguagens verbal e não verbal associadas à utilização de linguagem imagética, explícita e elíptica, o que proporciona uma variedade semiótica e semântica às HQs, e como consequência para quem lê, resta dar atenção a cada detalhe estrutural para a atribuição de sentidos uma vez que o sentido de qualquer recurso linguístico ou imagético utilizados dependerão do contexto em que estão inseridos na história.

Sobre a aplicação do gênero histórias em quadrinhos no ensino, Mendes (1990, p.53) aponta que “As histórias em quadrinhos, enquanto recurso didático, apresentam a vantagem de serem de fácil acesso e não exigirem mediadores técnicos para a sua leitura”. Os “gibis”, como são popularmente conhecidas as edições de histórias em quadrinhos, possuem baixo custo e são facilmente encontradas em qualquer banca ou biblioteca, além de possuírem uma leitura fácil, contendo imagens, figuras de linguagem e temas interessantes.

Com a facilidade e rapidez das informações nos dias de hoje, os textos longos e atividades repetitivas dos livros didáticos reforçam a ideia dos alunos de que todo esse contexto escolar é “chato”, mas quando se trata de HQs os alunos querem ler, isso porque essas histórias fazem parte do cotidiano comunicativo destes. Para Mendonça (2007), “reconhecer e utilizar histórias em quadrinhos como ferramenta pedagógica parece ser fundamental, numa época em que a imagem e a palavra, cada vez mais, as associam para a produção de sentido nos diversos contextos comunicativos” (MENDONÇA, 2007, p. 207).

Os PCNs de Língua Portuguesa (BRASIL, 1998) também incentivam o uso de gêneros não consagrados em sala de aula, no caso as histórias em quadrinhos, pois perceberam que a inclusão destes auxilia no processo de ensino-aprendizagem dos estudantes.

As histórias em quadrinhos não são uma novidade. Sobre isso, Iannone e Iannone (1994, p.10) observam que “estudiosos apontam as inscrições que nossos antepassados deixaram nas cavernas, no período pré-histórico, como a origem mais remota das histórias em quadrinhos”. Porém, o que se sabe de fato é que as histórias em quadrinhos como conhecemos hoje surgiram em meados do século XIX na Europa e nos Estados Unidos, posteriormente foram chegando a outras localidades.

No Brasil, as primeiras publicações aconteceram no séc. XIX, com estilo sátiro conhecido como cartuns, charges ou caricaturas, e depois se estabeleceram com as populares

tiras. Foi aqui a publicação da primeira revista do mundo a apresentar histórias em quadrinhos completas, a revista O Tico Tico, em 1905, ficando em circulação até o ano de 1956.

A partir de então começaram a ser publicadas, no Brasil, pela Editora Abril, as histórias em quadrinhos da Disney. Essa editora, de acordo com Iannone e Iannone (1994, p.53), “[...] praticamente nasceu com a publicação da revista O Pato Donald, nos anos 50”, dado ao grande sucesso. Os heróis americanos, ainda nesta época, eram muito populares, por isso a indústria de HQs brasileira transpôs para os quadrinhos nacionais aventuras de heróis de novelas juvenis radiofônicas. Na década de 60, multiplicaram-se as publicações e os personagens brasileiros. O nome de destaque dos quadrinhos no Brasil é Maurício de Sousa, criador d’ A Turma da Mônica, que vive exclusivamente dos lucros de suas publicações.

Quanto à composição estrutural do gênero textual histórias em quadrinhos, Iannone e Iannone (1994, p. 21) conceituam como uma “[...] história contada em quadros (vinhetas), ou seja, é um sistema narrativo composto de dois meios de expressão distintos, o desenho e o texto”. O condutor principal é o próprio quadrinho, criado para transmitir uma mensagem, quando dois ou mais quadrinhos se unem para contar uma história, forma-se uma sequência, esta que torna possível a ação da história. Normalmente os quadrinhos têm formatos retangulares, delimitados por linhas ou molduras, podendo ser irregulares ou interrompidas, caso o desenhista ilustre uma cena de imaginação, por exemplo.

Assis e Marinho (2016, p.121) afirmam que “a narração de uma história é o objetivo principal de uma história em quadrinhos. Para isso são utilizadas imagens, além de diálogos, gestos, expressões faciais etc.”, isso é, linguagem não verbal, uma característica marcante das HQs, o que as torna verdadeiras representações de situações cotidianas. Já o discurso direto utilizado nos quadrinhos aparece como representação visual das palavras enunciadas nos balões; estes, por sua vez, aparecem com variados formatos, traduzindo uma tentativa de mostrar o estado emocional dos personagens.

A gíria é outro recurso presente na construção das HQs, marca as diferenças sociais existentes nos grupos humanos, confirmando-se como um fenômeno sociolinguístico. Tudo na estrutura das histórias em quadrinhos é minuciosamente planejado para que fique o mais próximo possível da realidade. Até as ocorrências para-linguísticas da língua falada – prolongamentos, intensificações de sons e diferentes entonações – são reproduzidas.

É fato que a utilização do gênero história em quadrinhos em sala de aula oferecerá uma riqueza inquestionável de conceitos às aulas de língua portuguesa, pelos vastos recursos estruturais utilizados na construção das HQs. Para Iannone e Iannone (1994), por meio das histórias em quadrinhos, o leitor é instigado a procurar outros tipos de textos, assim como desenvolve o senso de observação de imagens.

UMA PROPOSTA POSSÍVEL PARA O USO DAS HQs EM SALA DE AULA: A SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Sendo a prática pedagógica planejada uma prioridade, propõe-se utilizar a sequência didática para se trabalhar com o gênero textual histórias em quadrinhos em sala de aula, objetivando proporcionar aos estudantes uma eficaz situação de aprendizagem. A Sequência Didática permite a antecipação do que será focado em um espaço de tempo que varia em função do que os alunos precisam aprender. Vale destacar também a mediação e o constante monitoramento que o professor precisa fazer para acompanhar os alunos, aplicando atividades de avaliação durante a sequência didática e ao final.

Pautando-se na teoria de Dolz; Noverraz; Scheuwly (2011, p.82), vê-se que “A sequência didática é um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito”. Além disso, esse método objetiva ajudar o aluno a dominar melhor um determinado gênero textual, permitindo-lhe ler, compreender, escrever ou falar adequadamente em quaisquer situações de comunicação.

Para Zabala (1998), uma sequência didática é utilizada para a realização de certos objetivos educacionais. Também pode ser entendida como um trabalho pedagógico organizado de forma sequencial, estruturado pelo professor para um determinado tempo, trabalhando-se com conteúdos relacionados a um mesmo tema, a um gênero textual específico, a uma brincadeira ou a uma forma de expressão artística.

O desenvolvimento da sequência didática constitui-se de etapas sequenciadas e sistematizadas previamente estabelecidas pelo professor de acordo com o objetivo a ser alcançado. Uma sequência didática inicia-se com a apresentação e exposição detalhada sobre o trabalho que será desenvolvido, a escolha do gênero e, posteriormente, a primeira produção do aluno, podendo ser oral ou escrita, que mostrará ao professor as capacidades já adquiridas pelo estudante, a fim de ajustar as atividades propostas nas etapas seguintes, como confirmam Dolz; Navarraz; Shneuwly (2011):

A produção inicial é igualmente o primeiro lugar de aprendizagem da sequência [...] constitui um momento de conscientização do que está em jogo e das dificuldades relativas ao objeto de aprendizagem [...] Os pontos fortes e fracos são evidenciados; as técnicas de escrita ou fala são discutidas e avaliadas; são buscadas soluções para os problemas que aparecem. Isso permite introduzir uma primeira linguagem comum entre aprendizes e professor, ampliar e delimitar o arcabouço dos problemas que serão objeto de trabalho nos módulos. (DOLZ; NAVERRAZ; SHNEUWLY, 2011, p. 87)

A etapa dos módulos pode ser realizada pelos estudantes individualmente ou em grupos, o que promove a interação aluno-aluno, aluno-professor, aluno-conhecimento. As atividades devem ser variadas e didáticas para que cada aluno tenha acesso às noções e aos instrumentos que o auxiliarão na sua produção, além de favorecer a reflexão, criatividade, apropriação para falar sobre o gênero e realizar a produção final, a última etapa da sequência. Quanto à produção final, Dolz; Noverraz; Scheuwly (2011) afirmam que, ao fim da sequência didática, o aluno será capaz de colocar em prática noções e os instrumentos elaborados em cada um dos módulos.

DESENVOLVIMENTO DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES COMPETENTES

A proposta a seguir é uma sugestão para a aplicação da sequência didática utilizando o gênero textual histórias em quadrinhos com a finalidade de ajudar os alunos a se tornarem leitores capazes de compreenderem plenamente o que leem e suficientemente preparados para se comunicarem em qualquer gênero, seja escrito ou não.

1ª etapa: Iniciar a aula questionando os estudantes sobre os diferentes tipos de textos que circulam no nosso cotidiano, buscando valorizar os conhecimentos prévios trazidos por eles. Apresentar a diversidade de temáticas e finalidades das histórias em quadrinhos e os muitos veículos de comunicação que trazem este gênero, além dos famosos gibis. Orientar os estudantes a produzir uma representação (um fluxograma ou esquema, por exemplo),

ilustrando como este gênero é veiculado em diferentes suportes. Socializar as diferentes soluções encontradas.

2ª etapa: Fazer a mediação de uma roda de conversa sobre alguns gêneros que mais circulam no dia a dia. Ressaltar que os gêneros, no geral, possuem estilo e estrutura próprios. Explicar que o local onde eles circulam são os suportes: jornais, livros, revistas, cartazes, catálogos. Aproveitar a conversa para abordar o conceito de gênero textual. Mostrar a utilidade de alguns deles, além das HQs.

3ª etapa: Trazer para os alunos gibis da turma da Mônica e pedir que leiam e se atentem para as características estruturais que compõem as HQs, como recursos linguísticos, paralinguísticos e também sociolinguísticos, os balões e seus formatos, imagens etc. Colocar no quadro os apontamentos feitos pelos alunos e propor que recriem uma tira contendo algum dos elementos destacados anteriormente. Pedir que apresentem aos colegas e expliquem a história e os recursos escolhidos para estruturarem suas criações.

4ª etapa: Organizar grupos e propor uma atividade no laboratório de informática. A finalidade dessa aula é promover conhecimentos efetivos sobre as características estruturais encontradas por eles mesmos na etapa anterior – a forma como se organiza o texto, qual o estilo (forma como é escrito o texto), qual a linguagem predominante. Orientar os grupos a organizar uma apresentação para a aula seguinte, demonstrando os resultados da pesquisa sobre os gêneros por meio de cartazes/fluxograma.

5ª etapa: Orientar os grupos e auxiliar para que realizem uma pesquisa mais completa sobre HQs. Ilustrar com alguns exemplos de textos selecionados. Auxiliar os grupos a organizarem uma exposição oral (seminário) sobre os resultados da pesquisa. Durante toda a preparação, o professor acompanha e orienta a produção.

6ª etapa: Auxiliar a turma a sistematizar suas aprendizagens. Resgatar as ideias e informações mais interessantes apontadas no decorrer das discussões e propiciar a compreensão de que as pessoas têm diferentes intenções comunicativas e para tal utilizam textos adequados a cada situação de comunicação, o que entendemos como gêneros textuais. Cada grupo deve produzir um texto coletivo, com explicações conceituais (de fundamentação teórica) sobre o gênero estudado explicando o estilo da linguagem, a estrutura do texto, a finalidade etc.

Produção final – Avaliação: Verificar se todos compreenderam e utilizaram adequadamente os conceitos abordados ao longo das atividades realizadas. Atentar-se à participação individual e coletiva, avaliando a postura de cada um e destacando os aspectos que necessitam ser melhorados para uma ação efetivamente colaborativa dentro dos grupos. Nesse momento, os alunos farão uma produção individual para aplicação dos conceitos trabalhados. Eles devem produzir um texto que represente o gênero estudado, de forma criativa. A seguir, os alunos devem fazer a autocorreção e entregar ao professor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para que o trabalho com a teoria dos gêneros textuais seja eficaz, buscou-se apresentar uma estratégia de ensino–aprendizagem em forma de Sequência Didática, por ser um recurso dinâmico, que permite inserções de atividades de acordo com a observação do professor a respeito do desenvolvimento das capacidades de linguagem dos alunos, seus conhecimentos prévios e suas experiências culturais.

Ao longo deste trabalho, vislumbrou-se provocar discussões e apontar caminhos para que a leitura e escrita sejam trabalhadas do modo mais lúdico e prazeroso possível nas salas de aula, utilizando-se os gêneros textuais, em especial as histórias em quadrinhos. Espera-se que esta proposta possa servir de subsídio e orientação aos professores que buscam desenvolver novos caminhos para a formação de leitores competentes.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Lúcia Maria de; MARINHO, Elyssa Soares (Org.). **História em quadrinhos: um gênero para sala de aula.** In: NASCIMENTO, Luciana; ASSIS, Lúcia Maria de; OLIVEIRA, Aroldo Magno de. Linguagem e Ensino do Texto: Teoria e Prática. São Paulo: Edgard Blücher, 2016. p. 115-124.

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso.** In: Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa /Secretaria de Educação Fundamental.** – Brasília: 1998.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michele; SCHNEUWLY, Bernard (Org.). **Sequência didática para o oral e a escrita.** In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. Gêneros orais e escritos na escola. Campinas: Mercado das Letras, 2011. p. 81-108.

FAILLA, Zoara (Org.). **Retratos da Leitura no Brasil 4.** Rio de Janeiro: Sextante, 2016. 296 p. Disponível em: <http://prolivro.org.br/home/images/2016/RetratosDaLeitura2016_LIVRO_EM_PDF_FINAL_COM_CAPA.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2017.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler: Em três artigos que se completam.** São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

GIROTTI, C. G. G. S; SOUZA, R. J. **Estratégia de leitura: para ensinar alunos a compreender o que leem.** In: SOUZA, R. J. de. et al. Ler e compreender: estratégias de leitura. Campinas: Mercado das Letras, 2010.

IANNONE, Leila Rentroia; IANNONE, Roberto Antônio. **O mundo das histórias em quadrinhos.** São Paulo: Moderna, 1994.

_____. **No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística.** São Paulo: Ática, 1985.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros Textuais: definição e funcionalidade.** In: DIONÍSIO, Ângela P.; MACHADO, Anna R.; BEZERRA, Maria A. (Org.) Gêneros Textuais e Ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003. p. 10.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura.** 19. ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.

MENDES, Maria Regina Saraiva. **El papel educativo de los comics infantiles**: análisis de los estereotipos sexuales. Tese de Doutorado em Ciências Sociais. Barcelona: Facultad de Ciencias de la Información da Universidad Autónoma de Barcelona, 1990.

MENDONÇA, Maria Rodrigues Souza. **Um gênero quadro a quadro**: a história em quadrinhos. In: DIONÍSIO, A. P.; A. R. Machado e BEZERRA, M. A. Gêneros textuais & ensino. 5. ed. Rio de Janeiro: Lucena, 2007.

SILVA, Ezequiel Theodoro. **Leituras Aventureiras**. Por Um Pouco de Prazer de Leitura aos Professores. São Paulo: Global, 2008.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa**. Tradução: Ernani F. da F. Rosa. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

PRACTICES OF READING AND WRITING: TEACHING SEQUENCE AT WORK WITH THE TEXTUAL GENRES COMICS

ABSTRACT

The theory of discourse of genres has been the subject of much discussion and research. The Portuguese Language National Parameters (PCNs) are basically based on the theory of textual genres and orient the work with the mother tongue to develop the necessary knowledge so that the participants involved in the teaching and learning process know how to adapt their linguistic activities to social situations communicative. Therefore, the present article proposes to explore the textual genres, having as an object of study the comics in the Portuguese Language classes, in order to show how the comics can contribute to the development of skills in reading, comprehension and writing practices. In this sense, this work was developed through a bibliographical research and presents teaching sequence proposal guided by Dolz, Noverraz and Scheuwly (2011) as a pedagogical strategy to assist the work with the genre in the classroom, in order to contribute to awake the students interest in reading and consequently, the comprehension and production of text.

Keywords: Textual genres. Comics. Teaching sequence.